

O FOLHETIM

PUBLICAÇÃO DIARIA DE ROMANCES

DIRIGIDA POR VISCONTI COARACY E SANTOS CARDOSO

ASSIGNA-SE na Rua do Hospicio 85	Preço da assignatura por mez	Para a Côte..... 1\$000 Para as Provincias... 1\$500	AS ASSIGNATURAS começam no 1.º de cada mez
--	------------------------------	---	--

A DESFORRA DE UM DEFUNTO

O trajecto durou cerca de meia hora.

Afinal pararam á entrada de uma casa isolada, á cuja porta Guilherme bateu varias pancadas discretas.

Uma janella se abriu.

— São vocês? perguntou uma voz de homem.

— Somos nós, respondeu Guilherme.

— Entrem pela portinha do jardim... eu vou abrir.

Os dous homens deram volta em torno da casa; o que levava o cadaver entrou primeiro, e, ao cabo de alguns passos em um extenso corredor, penetrou em um sala ladrilhada e foi depôr o seu fardo em cima de uma mesa coberta de couro.

— Aqui está a cousa! disse Guilherme.

— E aqui tem o dinheiro, respondeu o locatario da estranha casa.

Ouviu-se então o tinir de algumas moedas de prata, e não tardou que os coveiros se retirassem com repetidas cortezias.

— Até outra vez, Sr. Dr. Roberto, disse Guilherme que se retirava; pôde estar descansado quanto a este. Creio que ninguem se occupará com o seu desapparecimento.

— Então que cadaver é este?

— E' o cadaver de um galé.

— De que morreu elle?

— Lá quanto a isso não sei.

— Bom, não tardará que eu o verifique. Vão... e até breve.

O mysterio ia se esclarecendo.

O doutor era um desses ardentes amantes da sciencia, que comprava de tempos a tempos algum cadaver sahido do hospital ou das galés de Brest, e entregava-se nelle a estudos anatomicos.

Havia já muito tempo que elle entretinha, a esse respeito, seguido commercio com os dous coveiros, e nunca, até então, a autoridade tivera conhecimento das violações de sepultura que eram a odiosa consequencia de tal commercio.

Entretanto, o Dr. Roberto entrára novamente na sala onde acabava de ser deposto o cadaver de Didier. Estava ancioso por examinar o cadaver, e começou immediatamente uma minuciosa revista do estado exterior.

Rasgou a mortalha que envolvia o corpo do defunto, e o seu primeiro olhar procurou reconhecer a que enfermidade tinha elle succumbido.

Contra a sua expectativa, não pôde precisar immediatamente nem o genero, nem a especie da molestia: esse primeiro resultado negativo aguçou-lhe a curiosidade, incitou-o, e elle começou novamente o exame.

A' medida, porém, que avançava, crescia o seu espanto, e elle erguen afinal a cabeça, com a fronte inquieta e as sobrancelhas contrahidas.

— Que quer isto dizer? murmurou baixinho.

Introduziu entra os dentes de Didier uma lamina de faca, que se quebrou instantaneamente em varios pedaços.

— Oh! oh! exclamou o medico cada vez mais attento: um envenenamento... um suicidio, talvez.

E proseguiu:

— O corpo é bem conformado, o tecido das carnes é delicado, as extremidades são distinctas, são finas... Ah! comprehendo! E' um homem da alta sociedade... que alguma falta arremeçou no abysmo das galés, e que não encontrou outra aberta para sahir dalli... senão o suicidio... E' um caso notavel, um estudo interessante... Vejamos, vejamos!

O doutor procurou no seu estojo, e tirou delle uma especie de escalpello com cabo de marfim.

— A morte data apenas de vinte e quatro horas, proseguiu elle; estavam com pressa de se livrarem do cadaver. — No fim de contas... um calceta! Tinha curiosidade de saber que especie de veneno pôde obter este desgraçado...

Assim fallando, o doutor tinha pegado delicadamente no instrumento e passava a lamina sobre o peito do cadaver.

Apenas, porém, tinha praticado uma incisão, da profundidade de tres linhas, se tanto, quando fez um movimento brusco, recuou assustado dous passos e deixou cahir a sua arma...

Ao contacto do ferro sentira que as carnes palpitavam.

— Impossivel! impossivel! balbuciou no auge da emoção e levando a mão á fronte banhada de suor.

Tornou a approximar-se, todo tremulo, de Didier,

debruçou-se sobre o cadaver, e então não lhe foi mais permitido duvidar.

As carnes começavam a estremecer, foram-se tingindo pouco a pouco de uma coloração tenue e pallida, os labios moveram-se, e afinal a cabeça do cadaver ergueu-se com esforço e seus olhos desvairados puzeram-se a olhar em torno da sala.

VII

Por mais preparado que estivesse para aquelle espectáculo, o doutor não pôde conter um grito de espanto e de horror.

O cadaver se havia erguido diante d'elle, e seus olhos fitavam-n'o com indizível expressão de desvario.

Queria fallar e não podia; tentava mover-se e os braços se lhe agitavam no vacuo...

Era como que uma visão de além-tumulo.

— Onde estou eu? disse afinal Didier comprimindo a fronte com força e apalpando o seu corpo nú.

Tornando á vida, nenhuma recordação conservára da morte á que acabava de escapar.

Entretanto o medico, recuperando pouco a pouco o seu sangue frio, precipitou-se para a secretária, tirou dalli um frasco que continha um cordial energico e apresentou-o a Didier.

Este levou o frasco aos labios e sorveu de um trago o seu conteúdo.

Não tardou que se produzisse o effeito.

A contracção dos nervos cessou quasi instantaneamente. O olhar perdeu a expressão desvairada, o peito respirou livremente e Didier deu mostras de comprehender uma parte da verdade.

— Vivo?... eu estou vivo! exclamou com um olhar em que vacillava um resto de inquietação.

— E pôde acrescentar que escapou de boas, completou o medico.

— Mas que foi que se passou?... Como é que me acho aqui?

— Oh! quanto a isso, cabe ao senhor explicar-m'o... Pelo pouco que pude adivinhar, deve ter tomado uma forte dóse de veneno, não é verdade? supuzeram-n'o morto!

— E' isso mesmo.

— Foi enterrado...

— Recordo-me.

— E só por milagre é que não ficou suffocado no caixão!

Glacial calafrio agitou os hombros nús de Didier.

— Isto não passará do susto, continuou o doutor. Unicamente, visto que comecei, é necessario que conclua a minha obra. Eil-o nú como um S. João Baptista. Vou vêr se lhe arranjo entre a minha roupa velha alguma que lhe sirva... e depois que estiver bem aquecido, depois que houver tomado algum alimento, conversaremos ácerca dos seus negocios, que não me parecem muito claros.

O doutor sahiu e deixou Didier sózinho.

Tinha este tornado completamente a si.

E, se algumas nuvens lhe toldavam ainda na idéa uma parte da verdade, ao menos havia nelle um

sentimento que, surgindo do meio daquella escuridão, lhe communicava ao espirito nova robustez e vontade.

Estava livre!

Entretanto, uma cousa o inquietava.

O doutor!

Aquelle homem estava senhor do seu segredo, podia entregal-o, leval-o de novo para as galés, destruir em um segundo todas as esperanças que lhe renasciam em tropel no coração.

Que iria elle fazer?... Eis o que cumpria vêr...

O doutor voltou logo com uma porção de roupa que escolhêra apressadamente, e com que Didier tratou de vestir-se.

Depois, serviu elle proprio a ceia, e abriu uma garrafa de vinho velho que devia, dizia elle, restituir ao seu paciente o vigor e a saude.

Didier submetteu-se sem resistencia.

Tinha fome, tinha sêde, tinha frio. Bebeu, comeu e aqueceu-se.

Quando elle terminou, o doutor sentou-se a seu lado.

— Agora, disse-lhe, conversemos, se lhe apraz.

— Com todo o gosto, respondeu Didier.

— Segundo me disseram, o senhor... é um galé?

— Com effeito, sou.

— Condemnado por muito tempo?

— Por toda a vida!

— Foi então muito culpado?

— Sou culpado, senhor, de me haver casado com uma mulher a quem amava como se ama a Deus, e que me atraçou como não se atraçoa ao ultimo dos miseraveis!

— E, em um accesso de ciumento furor... matou-a...

Didier interrompeu o medico com uma risada secca e nervosa.

— Eu não assassinei ninguem, senhor, disse com voz amargurada; dentro de pouco tempo, porém, terei morto aquelle a quem devo todas as minhas desgraças.

O doutor poz-se a contemplar o seu interlocutor com uma attenção de sabio.

Não estava longe de acreditar que tinha em sua presença um louco.

Didier comprehendeu-o.

— Poderia ter enlouquecido, disse elle; a quéda tinha sido tão inesperada e tão profunda, que poderia até ter sido mortal. Deus não o quiz... e eu o bendigo por isso... pois terei necessidade de toda a minha razão e de toda a minha força para não succumbir na missão que vou emprender.

— Que espera então fazer? perguntou o medico.

— Ir a Pariz... procurar o miseravel... e...

O doutor deteve-o com o gesto.

— Perdão! disse um tanto enleiado; o que o senhor quer tentar tem immensos perigos... se fosse reconhecido...

— Que succederia?

— Ha pessoas que ficariam comprometidas...

— Que pessoas?

— Guilherme... eu... e outros mais...

— E o senhor acreditou que essa consideração me demoveria?

Didier tinha-se levantado.

A sua physionomia revestira-se, repentinamente, de uma energia pouco commum; a sua mão apoiou-se com força no hombro do doutor.

— Não somos crianças, nem eu, nem o senhor, continuou com firmeza. Disse-lhe que que quero ir a Pariz... e antes de decorridos oito dias lá estarei.

— Mas se viessem a descobrir...

— E' este porventura o primeiro cadaver que falta no cemiterio de Brest?

— Isso é uma trahição!

— Ora qual!

— Eu o denunciarei!

Didier sorriu-se.

— Ignoro, disse elle, se perante Deus é um crime fazer experiencias em cadaveres roubados mysteriosamente á sepultura; perante a lei, porém, é um sacrilegio, e o senhor não poderá denunciar-me sem trahir-se a si proprio... Reflicta.

E, vendo que o doutor se calava, Didier tomou-lhe affectuosamente a mão.

— Sou um homem honrado, senhor, disse-lhe; e acredite-me, quando eu affirmo-lh'o neste tom compeentado: sem querel-o, o senhor terá talvez servido aos secretos designos da Providencia. Não se arrependa, pois, e sobretudo nenhum receio tenha do futuro... Vou partir; dentro de poucos dias estarei em Pariz, e, succeda o que succeder, jámais esquecerei o serviço que me prestou.

Não havia objecção a fazer...

O doutor comprehendeu que devia curvar-se, e, uma vez convicto, fel-o de boa vontade.

No dia seguinte, Didier sahia de Brest com a bolsa recheiada, graças aos cuidados do Dr. Roberto, e tres dias depois chegava á capital.

Não carece dizer-se qual foi a sua emoção quando transpôz a barreira da Bretanha e atravessou os Campos-Elysios.

Naquelle momento havia elle quasi esquecido o implacável odio que o sustentára e fizera viver até então.

O unico pensamento que lhe acudiu e o absorveu foi para a infeliz mulher que o amava, e que talvez já houvesse morrido de magua e de desespero.

Que seria feito della? Teria sahido de Pariz? Estaria morta? ou antes teria resvalado nesse declive terrivel, fatal, que arrasta toda a mulher formosa que a miseria enlouquece e que nem a honra do passado, nem a vergonha do futuro conseguem deter.

Didier não descansou; uma hora depois de sua chegada, encetava as pesquisas.

Queria a todo o custo esclarecer aquelle ponto obscuro do passado e saber o que devia esperar.

Era obrigado a portar-se com grande prudencia facilmente se comprehende, e para o bom exito de suas ultiores emprezas não devia dar occasião á menor suspeita.

Comquanto essa reserva que lhe era imposta devesse crear-lhe muitos obstaculos, todavia não tardou que elle atingisse em parte o fim que se havia proposto.

Ao cabo de um mez, sabia pouco mais ou menos tudo quanto concernia á desventurada Helena.

A pobre mulher tinha morrido!

Tinha morrido de fadiga, de privações, depois de haver consumido no penoso e obstinado trabalho toda a energia e força que lhe restavam para criar o filho que ella devia ao amor de Didier.

Eis ahi tudo quanto elle pôde saber.

Tinha-se passado muito tempo, — e em Pariz de pressa se esquecem.

Quanto á criança, — uma linda menina — as pessoas a quem elle consultou no bairro em que a mãe fallecera não lhe puderam dizer o que era feito della.

Didier recolheu-se ao seu aposento, exausto de emoções, dolorosamente impressionado pelo que acabava de saber.

Então, perante elle ergueu-se uma outra lembrança, cuja sensação torturou-o com violencia, e viu destacar-se ao longe o vulto daquelle palacete que elle outr'ora mandára preparar com tanto gosto e amor para aquella que devia tão cruelmente enganar-o.

Quiz ver de novo aquella habitação.

Já sabia que Clotilde tinha sahido de Pariz, que partira para a Havana com o conde des Aiglades, e que o palacete ficára inhabitado.

Encaminhou-se, pois, para aquelle lado.

Arrebatando-lhe Helena, tinha Deus querido, sem duvida, que no seu coração não houvesse mais logar senão para o odio.

E o seu odio reapparecera!

Quando chegou á porta do parque que deitava para os Campos-Elysios, era noite fechada.

Naquelle epocha, esse bairro de Pariz não era frequentado como actualmente.

O caminho que se estendia ao longo do muro do parque estava deserto, e Didier não tinha que recear reparassem nelle.

Entregando-se ao acaso, empurrou a porta, resolvidissimo a escalar o muro se os meios naturaes para penetrar no parque lhe faltassem.

Cousa singular! a porta estava apenas cerrada, e cedeu ao primeiro empurrão.

Elle entrou.

Era facil vêr que os donos da casa se achavam ausentes. A relva crescia nas alamedas maltratadas; havia muito tempo que os arbustos não eram aparados; por todos os lados reinava uma desordem e confusão extraordinarias.

Mas fazia um luar magnifico, e Didier conhecia todos os recantos.

Segundos depois, chegava elle á porta do palacete.

Ao vê-la, um movimento de raiva fez-lhe o peito offegar.

Tinha sido tão feliz naquella habitação, e achava-se agora alli com o coração dilacerado após dez annos de uma existencia infame!...

E, desejoso de levar até o fim as suas investigações, conhecendo, além disso, todos os compartimentos e divisões do palacete, dirigiu-se para uma estufa, na qual vinha dar uma escada que conduzia ao primeiro andar.

De repente estremeceu, e uma especie de espanto apoderou-se delle.

Alguna cousa se havia movido no compartimento contiguo áquelle em que elle estava!

Era um engano sem duvida, uma illusão de seus sentidos sobreexcitados...

Entretanto, máo grado seu, o coração pôz-se a bater-lhe com violencia; elle conteve a respiração... e esperou, com o corpo inclinado para a frente.

Não esperou muito.

Novo rumor se fez ouvir, e desta vez bem proximo d'elle... contra a divisão á que collára o ouvido.

Não havia mais duvidar.

Acabavam de caminhar no aposento vizinho: o assoalho tinha rangido sob um passo pesado, e elle ouvira o murmurio de duas vozes de homens.

Quem poderiam ser elles?

Passado o primeiro momento de espanto, Didier ergueu a cabeça.

Queria tirar a limpo aquelle mystorio, certificar-se do que teria que temer...

Se os homens que se achavam alli fossem ladrões, só uma cousa lhe restava fazer: era fugir o mais depressa possivel, afim de evitar, estando innocente, que o confundissem com individuos culpados...

Aproximou-se mansamente da porta, applicou o olho ao buraco da fechadura e olhou...

O effeito foi instantaneo.

O aposento onde o seu olhar mergulhava estava illuminado pelos raios duvidosos de uma lanterna furta-fogo.

O que, porém, elle viu pareceu-lhe tão estranho, que levou bruscamente ambas as mãos aos labios para abafar um grito prestes a lhe escapar.

VIII

No aposento contiguo acabava Didier de avistar tres homens.

Um desses homens empunhava uma lanterna surda e o outro estava armado de uma faca cuja lamina ameaçava o peito de um terceiro individuo, que parecia ser um operario.

Didier tinha reconhecido immediatamente o homem do punhal.

Era um galé de nome Rougeot-Cadet, que elle havia conhecido no presidio de Brest, e que se evadira algum tempo antes d'elle.

Não conhecia o segundo, mas devia ser um bandido da mesma especie que Rougeot-Cadet.

Quanto ao ultimo — o que parecia violentado — Didier apenas tinha-lhe deitado um olhar, tanto o impressionára a situação!

Que vinham fazer aquelles tres homens ao palacete d'Orvado?

Depois de haver olhado, Didier escutou.

Foi Rougeot-Cadet o que primeiro fallou:

— Vamos... acabemos com isto, disse elle em tom brusco; sabes onde está o escondrijo... Foste tu que o construiste por ordem da condesa d'Orvado, e vais revelar-nos o segredo.

— Mas é uma traição o que exigem de mim, respondeu o individuo a quem dirigiam a ordem.

Rougeot-Cadet soltou uma risada de escarneo.

— Has de ser sempre o mesmo, meu velho Dumont, disse com ironia, e não sabes aproveitar as occasiões... Como! tens uma mulher e um filho; moras no numero 59 da rua de Santo-Antonio, em uma agua-furtada que não passa de uma tóca, onde estão todos a morrer de miseria, e por um escrupulo tolo recusas-te a revelar um segredo que nos deve enriquecer a todos!...

— Mas é que esse segredo não me pertence...

— Tolices!

— Jurei que o não revelaria a ninguem.

Rougeot-Cadet apertou o cabo da faca.

O seu semblante acabava de revestir uma expressão medonha de ferocidade. Seus olhos tinham-se injectado de sangue e seus dentes mordiam os labios.

Didier não tinha perdido cousa alguma daquella scena, que por momentos lhe revoltára a generosidade e o cavalheirismo.

Em qualquer outra circumstancia, teria voado em socorro do desventurado sem o preoccupar com o perigo que pudesse correr.

Outro sentimento, porém, agitava o naquelle momento.

Dispertara-se-lhe a curiosidade muito mais do que a compaixão, e elle esperava, para cahir sobre os assassinos, que Dumont lhes houvesse revelado o segredo cuja confidencia exigiam.

Queria tambem conhecê-lo.

Porque lhe parecia que esse segredo poderia tornar-se um dia, nas suas mãos, uma arma terrivel.

Entretanto Dumont fizera um movimento; comprehendia que seria inutil qualquer resistencia, e não teve forças para affrontar por mais tempo uma morte certa.

Caminhou para um retrato de familia que estava suspenso á direita da chaminé, procurou um botão de ebano que a moldura tapava e pôz em jogo uma mola.

Quasi immediatamente abriu-se uma porta na parede da divisão, deixando vêr a entrada de uma especie de gabinete de vestir.

— E' alli? perguntou Rougeot-Cadet, a quem a operação parecia interessar grandemente.

— Ha nesse gabinete, respondeu Dumont, um aparador antigo, que me fizeram embutir na parede. Sei que esse aparador é solido; ignoro, porém, o que elle contém, e agora, embora me matassem, eu não poderia dizer-lhes mais nada.

— E quem é que te pergunta mais cousa alguma? disse Rougeot-Cadet em tom jovial; os caminhos estão abertos, era o mais difficil! Quanto ao resto, não encontrei ainda um apparador que me resistisse seriamente.

E encaminhou-se para a porta secreta.

(Continúa no proximo numero.)